



Morle  
e  
Vida  
Severina

ISBN 978-85-7019-468-8  
© 2010, direitos desta edição reservados a  
Fundação Joaquim Nabuco  
Av. 17 de Agosto, 2187 - Casa Forte - Recife - PE  
Brasil CEP 52061-540 Tel: (81) 3073.6321

[www.fundaj.gov.br](http://www.fundaj.gov.br)

---

PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO  
Fernando Lyra  
DIRETORA DE CULTURA  
Isabela Cribari  
DIREÇÃO-GERAL DA TV ESCOLA  
Érico da Silveira  
COORDENADOR-GERAL DA EDITORA MASSANGANA  
Mário Hélio  
COORDENADORA-GERAL DA MASSANGANA MULTIMÍDIA  
Germana Pereira  
COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO DA TV ESCOLA  
Érico Monnerat  
COORDENADOR EDITORIAL  
Sidney Rocha

Foi feito depósito legal. Impresso no Brasil.

---

Melo Neto, João Cabral de  
Morte e vida severina / João Cabral de Melo Neto. –  
Recife: Fundaj, Editora Massangana, 2009.  
42 p.: il.  
ISBN 978-85-7019-468-8  
Edição em quadrinhos realizada por Miguel Falcão

1. Literatura brasileira – Poesia. I. Título.  
CDU 869.0(81)-1

---

## “*cavando o chão, água mina*”

A primeira vez que publicamos esta adaptação de *Morte e vida severina*, de Miguel Falcão, o fizemos por contar com a generosidade dos herdeiros de João Cabral de Melo Neto e da Editora Nova Fronteira. Era uma edição não comercial, fruto do tino do coordenador-geral da Editora Massangana, o jornalista Mário Hélio. Era comemorativa (o ano de 2005, aquele, encerrava data redonda das Ligas Camponesas em Pernambuco), e a luta pela terra é pano de fundo, sim, do grande poema de João Cabral. Um auto de Natal, o sabemos, mas não há fugir a episódios ainda polêmicos que são a reforma agrária e a realidade do homem do Nordeste, eixo fundamental para o pensamento e a ação da Fundação Joaquim Nabuco.

Esta segunda edição é publicada somente para comprovar a vocação educacional do audiovisual e como ele exerce bem a passagem do conhecimento, do contexto cultural, histórico, e da excelente ferramenta a serviço da cultura e da educação que tais alianças caracterizam. Agora, através da Massangana Multimídia, sob a coordenação-geral da jornalista Germana Pereira, este número inaugura a série “Poemas animados” que, a partir deste *Morte e vida severina*, de João Cabral, será distribuída às televisões educativas do Brasil, em especial a TV Escola, parceira do projeto, e se adequará perfeitamente tanto às metas da diretoria de cultura da Fundação Joaquim Nabuco, a saber a integração de conteúdo editorial das suas principais difusoras (a Massangana editora e a Massangana multimídia), quanto ao desejo do próprio MEC, dos seus conteudistas, da sua filosofia de intertextualidades.

Integração que será vista também nas ações das diversas unidades do Ministério da Educação, como é o caso da realização conjunta deste trabalho pela Fundação Joaquim Nabuco e pela TV Escola, com a proposta de atender com mais eficiência o jovem brasileiro, o estudante brasileiro, o povo brasileiro, afinal, na máxima condição da verdadeira democracia que começa por dar opções para que todos conheçam a realidade, e sob vários pontos de vista.

Esta lição aprendemos com Roquette-Pinto, Paulo Freire, Florestan Fernandes, Gilberto Freyre, Fernando Haddad, Fernando Lyra, e todos aqueles que admitem com ação contínua que não há outra ferramenta de abrir cabeças sem violência senão a educação.

*Isabela Cribari*  
*Diretora de Cultura*  
*da Fundação Joaquim Nabuco*

## “*vale bem qualquer esforço*”

Desde 1996 a TV Escola leva a milhares de lares e escolas conteúdo educativo e curricular. Atualmente, ela é distribuída por satélite aberto analógico e digital para todo o Brasil, atingindo cerca de 15 milhões de antenas parabólicas e quase dois milhões de assinantes nas operações de televisão por assinatura. Além disso, 50 mil escolas públicas de todo o país estão equipadas com antenas e televisores para a recepção do sinal, que também está disponível simultaneamente na internet, ao vivo.

É nessa perspectiva de crescimento e inovação intensa que a TV Escola vem lançando novos produtos, como o conjunto de animação e história em quadrinhos da obra *Morte e vida severina*. Esse lançamento representa a continuidade da parceria entre a TV Escola e a Fundação Joaquim Nabuco que resultou em produções reconhecidas por seu caráter educativo-cultural e pela sua qualidade: *Brasil 500 anos* (2000), *Poetas do repente* (2006) e *Civilização do açúcar* (2009).

Ao produzir *Morte e vida severina*, uma das principais obras da literatura brasileira, a TV Escola reforça seu compromisso de disponibilizar em sua programação conteúdos que enriqueçam e divulguem a cultura regional e possibilitem seu uso em sala de aula como elemento de reflexão e fomento das práticas multidisciplinares, enriquecendo também assim, o processo de ensino/aprendizagem.

*Demerval Guilarducci Bruzzi*  
*Diretor de Produção de Conteúdos e Formação*  
*em Educação a Distância*

## “filhos de tantas Marias”

Quando João Cabral de Melo Neto escreveu *Morte e vida severina*, o presidente do Brasil era Juscelino Kubitschek, que faria o país avançar “50 anos em 5”, segundo o lema daquele governo. No começo daquela década, em 19 de setembro de 1950, inaugurou-se a primeira emissora de TV do Brasil, uma das pioneiras no mundo. Desses tempos para cá, o audiovisual tem sido responsável pela criação de um território imaginário, mágico, assombroso, saindo da telinha diretamente para a cabeça das gerações de jovens do Brasil. Começo difícil, como em tudo. Não se tratava somente da técnica e da tecnologia. Era necessária a criação de uma linguagem própria. Era diferente do cinema, tinha de ser. Essa produção audiovisual estaria ligada para sempre à história, assim como o cinema está, muito a serviço das “reconstituições.” Basta ver, de Griffith, na América da década de 1910, *O Nascimento de uma Nação* e *Intolerância*, ou na década seguinte, tudo de Eisenstein: *A Greve*, *O Encouraçado Potemkin*, *Outubro* etc, só para citar extremos.

Na TV, porém, era preciso “reconstituir” e “recontar” agora, já, instantaneamente. O conceito de tempo é o que diferenciava a telinha da telona. Além disso, a telinha não recebia questionamentos estéticos, políticos e sempre fora uma coisa da iniciativa privada, coisa do mercado, de produtos e anunciantes.

Isso era antes. Os tempos mudaram. Abram o pano: a produção audiovisual hoje desburocratiza o conhecimento acadêmico. Nisto tem mérito o trabalho desenvolvido pelas TVs educativas no Brasil. O desenvolvimento tecnológico permitiu que o audiovisual encontrasse novas formas de atuar, principalmente na educação e na cultura, na passagem do conhecimento e no ensino a distância. Nisto a Massangana Multimídia tem concentrado o seu trabalho.

Iniciativas como *Brasil 500 anos*, *Poetas do repente*, *Cultura do açúcar* e o festejado *Morte e vida severina*, com a TV Escola e outros parceiros, fazem da Massangana Multimídia uma das melhores produtoras de conteúdo audiovisual, com um catálogo inteiro a serviço do país. Para todos os joões. Todos os severinos. Irmãos das almas. Do Brasil.

*Germana Pereira*

*Coordenadora-geral da Massangana Multimídia  
da Fundação Joaquim Nabuco*

## “de uma vida severina”

Quando a Editora Massangana tomou a iniciativa de publicar uma versão ilustrada de *Morte e vida severina* (lá se vai já um lustro) houve um interesse fecundo e multiplicador que agora resulta em uma nova “releitura”, a partir dos desenhos originais de Miguel Falcão. Na verdade, a iniciativa de promover a adaptação do texto mais famoso de João Cabral era o desdobramento natural do projeto Massangana em sua nova fase: a escolha da HQ como veículo foi uma das primeiras.

O pretexto eram algumas efemérides em torno do poema de forte conteúdo de crítica social e alguns acontecimentos que também faziam lá seus aniversários. Celebrações, portanto. E neste sentido, uma anti-homenagem a um poeta que gostava tão pouco disso que certa vez disse com a ironia que também o caracterizava que o seu primo Manuel Bandeira havia morrido vítima de tantas homenagens aos seus oitent’anos. Um, lírico, outro, antilírico, mas da mesma família que não se cansa de cantar o mangue nosso de cada dia.

Com *Morte e vida severina* tinha também uma relação algo irônica. Falou-se já a valer disso. Vale, portanto, lembrar uma entrevista de João Cabral publicada na revista *Pirata*, em que o poeta, respondendo a respeito do poema, dizia que de *Morte e vida severina* já se tinha feito de tudo; não seria, por conseguinte, de estranhar, que qualquer dia alguém inaugurasse um edifício chamado “Morte e vida severina”, pois o poema é como uma espécie de babaçu que tem mil e uma utilidades.

Sim, certos poemas são como bois e babaçus. Mas por que em vez de falar-se na utilidade deles alguém não se põe a dizer o quanto é belo esse animal e aquela planta? É assim com o poema antilírico, que em vez de empregar palavras gastas ou “poéticas” para narrar a beleza do nascimento de um menino (Severino ou Deus, no Natal) compara a sua beleza à de um coqueiro, um avelós, uma palmatória. Nada mais feliz que seja Miguel o que reinventou João Cabral agora de novo, porque a sua sintonia com o poeta vem de longe. Desde que se comoveu com a interpretação que João Cabral fez de um circo no Nordeste e se animou a espontaneamente desenhar o poema.

Nada mais feliz do que a ideia de animar esses desenhos a partir do poema de mil e uma utilidades e belezas. Com o desenho a palo seco de Miguel acentua-se ainda mais a força desses versos que foram escritos para despertar as consciências: um antiacalanto de denúncia da injusta condição dos tantos severinos mortos e vivos para além de todos os lirismos e sonhos.

Mário Hélio Gomes de Lima  
Coordenador-geral da Editora Massangana  
da Fundação Joaquim Nabuco



João Cabral de Melo Neto

Morte  
e  
Vida  
Deverina

(auto de Natal pernambucano)

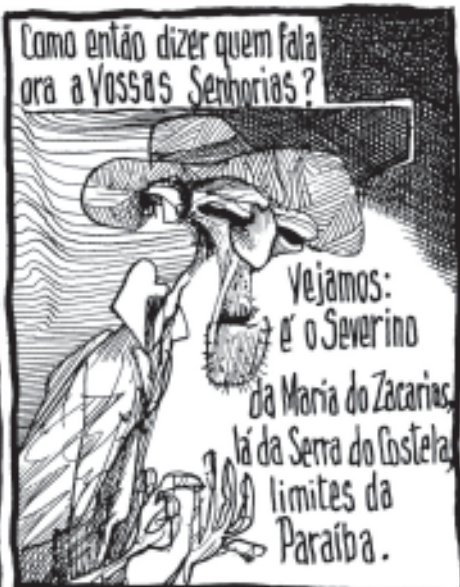
em quadrinhos

Ames





# O retirante explica ao leitor quem é e a que vai





Mulheres de outros tantos  
já finados, Zacarias  
vivendo na mesma serra  
mágra e ossuda em que eu vivia.



Somos muitos Severinos  
iguais em tudo na vida:  
na mesma cabeça grande  
que a custo é que se equilibra,  
no mesmo ventre crescido  
sobre as mesmas pernas finas,  
e iguais também porque o sangue  
que usamos tem pouca tinta.



E se somos Severinos  
iguais em tudo na vida,  
morremos de morte igual,  
mesma morte severina:



que é a morte de que se morre de velhice antes dos trinta,  
de emboscada antes dos vinte, de fome um pouco por dia  
(de fraqueza e de doença  
é que a morte severina  
ataca em qualquer idade,  
e até gente não nascida).



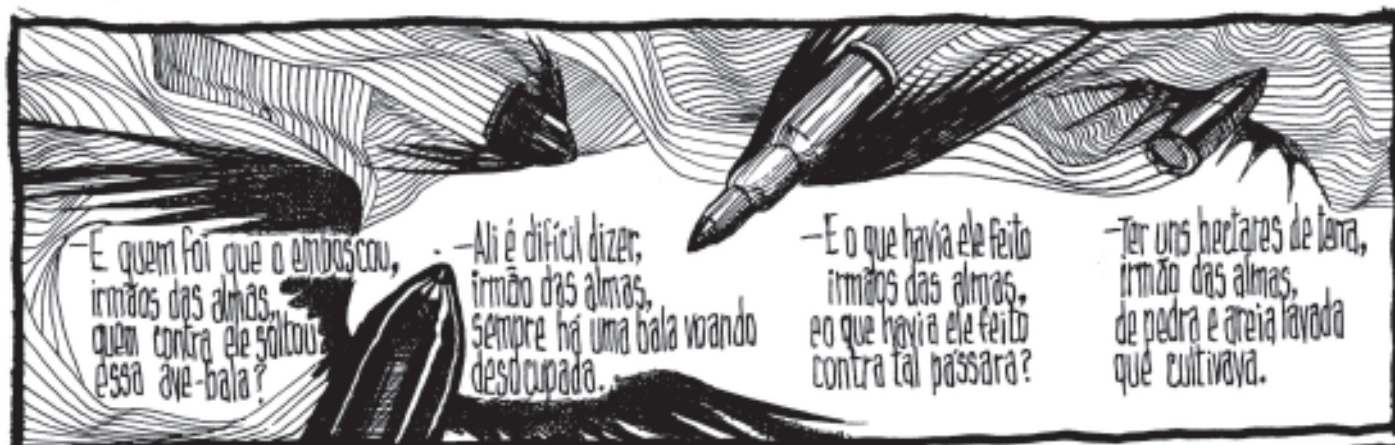
Somos muitos severinos  
iguais em tudo e na sina:  
a de abrandar estas pedras  
suando-se muito em cima,  
a de tentar despertar  
terra sempre mais extinta,  
a de querer arrancar  
algum roçado da cinza.



Mas, para que me conheçam  
melhor Vossas Senhorias  
e melhor possam seguir  
a história da minha vida,  
passo a ser o Severino  
que em vossa presença emigra.

# Encontra dois homens carregando um defunto numa rede, aos gritos de "Irmãos das almas! Irmãos das almas! Não fui eu que matei não!"





-E quem foi que o emboscou, irmãos das almas, quem contra ele saltou: essa ave-bala?

-Ali é difícil dizer, irmão das almas, sempre há uma bala voando desocupada.

-E o que havia ele feito irmãos das almas, eo que havia ele feito contra tal passara?

-Ter uns hectares de terra, irmão das almas, de pedra e areia lavada que cultivava.



-Mas que roças que ele tinha, irmãos das almas, que podia ele plantar na pedra avata?

-Nos magros lábios de areia, irmão das almas, dos intervalos das pedras, plantava palha.

-E era grande sua lavoura, irmãos das almas, lavoura de muitas covas, tão cobicada?

-Tinha somente dez quadras, irmão das almas, todas nos ombros da serra nenhuma várzea.



-Mas então por que o mataram, irmãos das almas, mas então por que o mataram com espingarda?

-Queria mais espalhar-se, irmão das almas, queria voar mais livre dessa ave-bala

-E agora o que passará, irmãos das almas, o que é que acontecerá contra a espingarda?

-Mais campo tem para saltar, irmão das almas, tem mais onde fazer voar as filhas-bala.



-E onde o levais a enterrar, irmãos das almas, com a semente do chombo que tem guardada?

-Ao cemitério de Torres, irmão das almas, que hoje se diz Toritama, de madrugada.

-E poderei ajudar, irmãos das almas? vou passar por Toritama, e' minha estrada.

-Bem que poderei ajudar, irmão das almas, e' irmão das almas quem ouve nossa chamada.

-E um de nós pode voltar,  
irmão das almas,  
pode voltar daqui mesmo  
para sua casa.

-Vou eu, que a viagem é longa,  
irmãos das almas,  
é muito longa a viagem  
e a serra é alta.  
Mais sorte tem o defunto,  
irmãos das almas,  
pois já não fará na volta  
a caminhada.

-Tiritama não cai longe,  
irmão das almas,  
seremos no campo santo  
de madrugada.  
-Partamos enquanto é noite  
irmão das almas,  
que é o melhor lençol dos mortos  
noite fechada.

## ☉ O retirante tem medo de se extraviar porque seu guia, o rio Capibaribe, cortou com o verão.



Vejo agora: não é fácil  
seguir essa ladainha;  
entre uma conta e outra conta,  
entre uma e outra ave-maria,  
há certas paragens brancas,  
de planta e bicho vazias,  
vazia até de donos,  
e onde o pé se descaminha.



Não desejo emaranhar  
o fio de minha linha  
nem que se enrede no pêlo  
hirsuto dessa caatinga.



Pensei que seguindo o rio  
eu jamais me perderia:  
ele é o caminho mais certo  
de todos o melhor guia.  
Mas como segui-lo agora  
que interrompeu a descida?  
Vejo que o Capibaribe  
como os rios lá de cima,  
é tão pobre que nem sempre  
pode cumprir sua sina  
e no verão também corta  
com pernas que não caminham.



Tenho que saber agora  
qual a verdadeira via  
entre essas que escancaradas  
frente à mim se multiplicam.



Mas não vejo almas aqui,  
nem almas mortas nem vivas;  
ouço somente à distância  
o que parece cantoria.



Será novena de santo,  
será algum mês de Maria;  
quem sabe até uma festa  
ou uma dança não seria?



# Na casa a que o retirante chega estão cantando excelências para um defunto, enquanto um homem, do lado de fora, vai parodiando as palavras dos cantadores

-Finado Severino,  
quando passares em Jordão  
é os demônios te atalharem  
perguntando o que é que levas...  
-Dize que levas cera  
capuz e cordão,  
mais a Virgem da Conceição.

-Finado Severino,  
etc...

-Dize que levas somente  
coisas de não:  
fome, sede, privação.

-Finado Severino,  
etc...

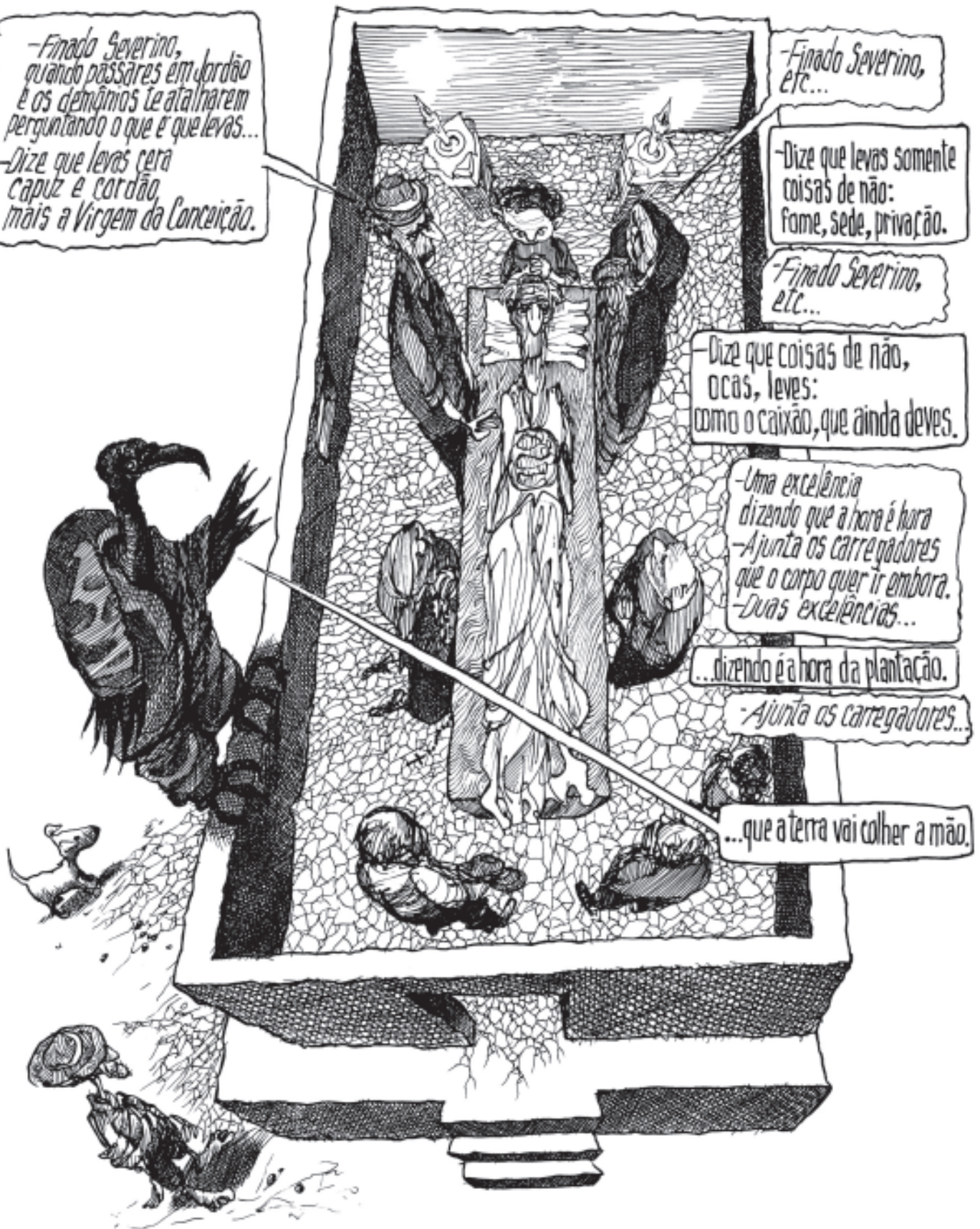
-Dize que coisas de não,  
ocas, levas:  
como o caixão, que ainda deves.

-Uma excelência  
dizendo que a hora é hora  
-Ajunta os carregadores  
que o corpo quer ir embora.  
-Duas excelências...

...dizendo é a hora da plantação.

-Ajunta os carregadores...

...que a terra vai colher a mão.



# Cansado da viagem o retirante pensa interrompê-la por uns instantes e procurar trabalho ali onde se encontra

—Desde que estou retirando só a morte vejo ativa, só a morte deparei e às vezes até festiva; só morte tem encontrado quem pensava encontrar vida, é o pouco que não foi morte foi de vida severina (aquela vida que é menos vivida que defendida, e é ainda mais severina para o homem que retira).



Penso agora: mas por que parar aqui eu não podia e como o Capibaribe interromper a minha linha? ao menos até que as águas de uma próxima inverniã me levem direto ao mar ao refazer sua rotina?

Na verdade, por uns tempos, parar aqui eu bem podia e retornar a viagem quando vencesse a fadiga. Ou será que aqui cortando agora a minha descida já não poderei seguir nunca mais em minha vida?

(será que a água destes poços é toda aqui consumida pelas roças, pelos bichos pelo sol com suas línguas? Será que quando chegar o rio da nova inverniã, um resto da água do antigo sobrarã nos poços ainda?)

Mas isso depois verei: tempo há para que decida, primeiro é preciso achar um trabalho de que viva. Vejo uma mulher na janela, ali, que se não é rica, parece remediada, ou dona de sua vida: vou saber se de trabalho poderá me dar notícia.





# Dirige-se à mulher na janela que depois descobre tratar-se de quem se saberá



-Muito bom dia, senhora, que nessa janela está; sabe dizer se é possível algum trabalho encontrar?

-Trabalho aqui nunca falta a quem sabe trabalhar; o que fazia o compadre na sua terra de lá?



-Pois sempre fui lavrador, lavrador de terra má; não há espécie de terra que eu não possa cultivar.



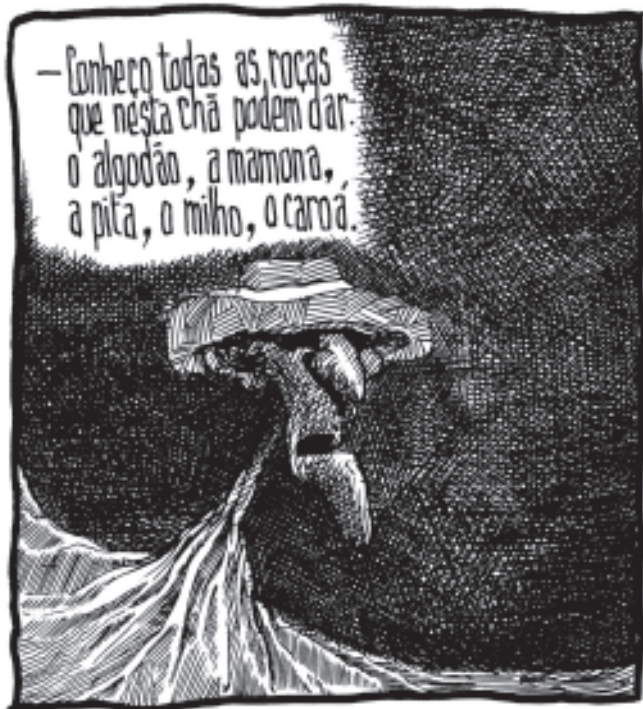
-Isso aqui de nada adianta, pouco existe o que lavar; mas diga-me, retirante, o que mais fazia por lá?



-Também lá na minha terra de terra mesmo pouco há; mas até a cabra da pedra sinto-me capaz de arar.



-Também de pouco adianta, nem pedra há aqui que amassar; diga-me ainda, compadre, que mais fazia por lá?



- Conheço todas as roças  
que nesta chã podem dar:  
o algodão, a mamona,  
a pita, o milho, o caroa.



- Esses ruçados o banco  
já não quer financiar;  
mas diga-me, retirante,  
o que mais fazia lá?



- Melhor do que eu ninguém  
sabe combater, quica,  
tanta planta de rapina  
que tenho visto por cá.



- Essas plantas de rapina  
são tudo o que a terra dá;  
diga-me ainda, compadre,  
o que mais fazia por lá?



- Tirei mandioca de chãs  
que o vento vive a esfoliar  
e de outras, escalavradas  
pela seca faca solar.



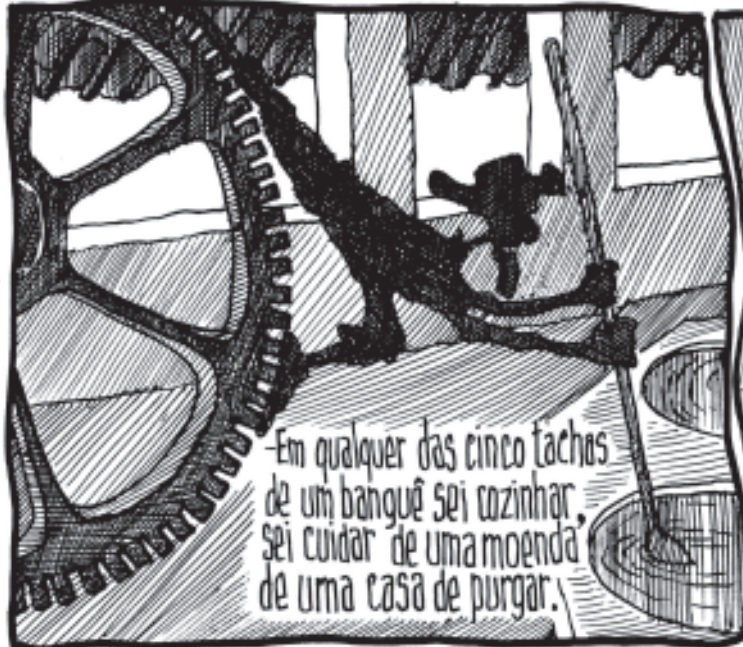
- Isto aqui não é Vitória,  
nem é Glória do Boitá;  
e além da terra, me diga,  
que mais sabe trabalhar?



-Sei também tratar de gado,  
entre urtigas pastorear :  
gado de comer no chão  
ou de comer ramos no ar.



-Aqui não é Surubim,  
nem Limoeiro, oxala!  
mas diga-me, retirante,  
que mais fazia por lá?



-Em qualquer das cinco fachos  
de um banguê sei cozinhar,  
sei cuidar de uma moenda  
de uma casa de purgar.



-Com a vinda das usinas,  
há poucos engenhos já;  
nada mais o retirante  
aprendeu a fazer lá?



-Ali ninguém aprendeu  
outro ofício, ou aprenderá:  
mas o sol, de sol a sol,  
bem se aprende a suportar.



-Mas isso então será tudo  
em que sabe trabalhar?  
vamos, diga, retirante,  
outras coisas saberá.





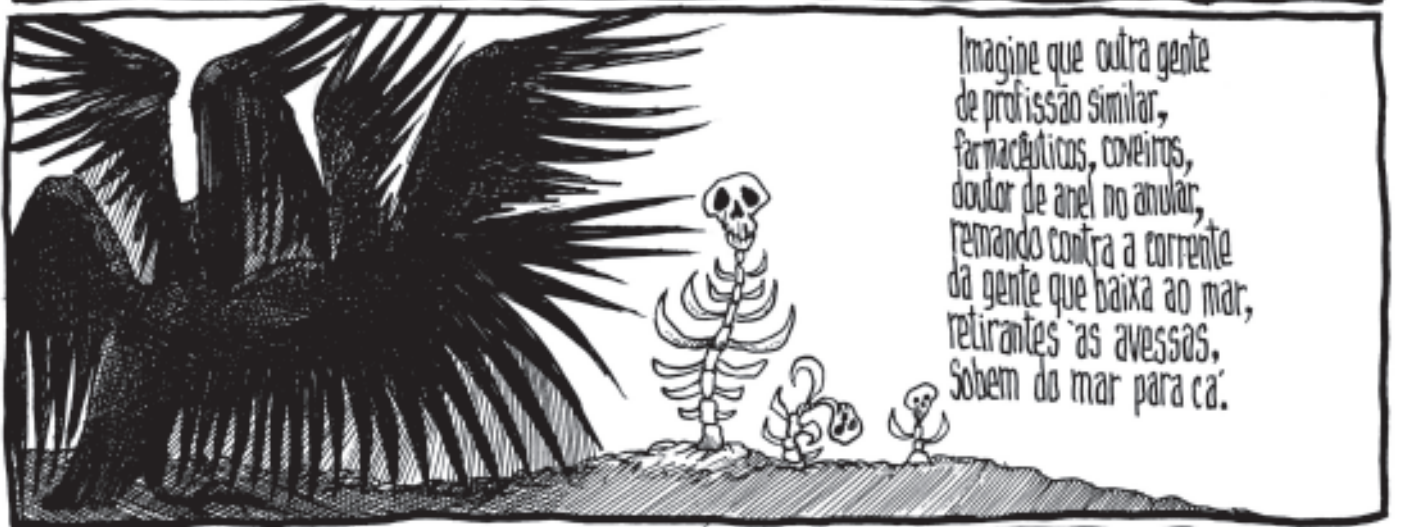
-E ainda se me permite  
mais outra vez indagar:  
é boa essa profissão  
em que a comadre ora está?

-De um raio de muitas léguas  
vem gente aqui me chamar  
a verdade é que não pude  
queixar-me ainda de azar.



-E se pela última vez  
me permite perguntar:  
não existe outro trabalho  
para mim neste lugar?

-Como aqui a morte é tanta  
só é possível trabalhar  
nessas profissões que fazem  
da morte ofício ou bazar.



Imagine que outra gente  
de profissão similar,  
farmacêuticos, cozeiros,  
doutor de anel no anular,  
remando contra a corrente  
da gente que baixa ao mar,  
retirantes 'as avessas,  
sobem do mar para cá.



Só os roçados da morte  
compensam aqui cultivar,  
e cultivá-los é fácil:  
simples questão de plantar;  
não se precisa de limpa,  
de adubar nem de regar;  
as estiagens e as pragas  
fazem-nos mais prosperar;  
e dão lucro imediato;  
nem é preciso esperar  
pela colheita: recebe-se  
na hora mesma de semear.

# O retirante chega à Zona das Mata, que o faz pensar, outra vez, em interromper a viagem

— Bem me diziam que a terra se faz mais branda e macia quanto mais do litoral a viagem se aproxima.

Agora afinal cheguei nessa terra que diziam. Como ela é uma terra doce para os pés e para a vista.

Os rios que correm aqui têm a água vitalícia. Cacimbás por todo lado; cavando o chão, água mina.

Vejo agora que é verdade o que pensei ser mentira. Quem sabe se nesta terra não plantarei minha sina?

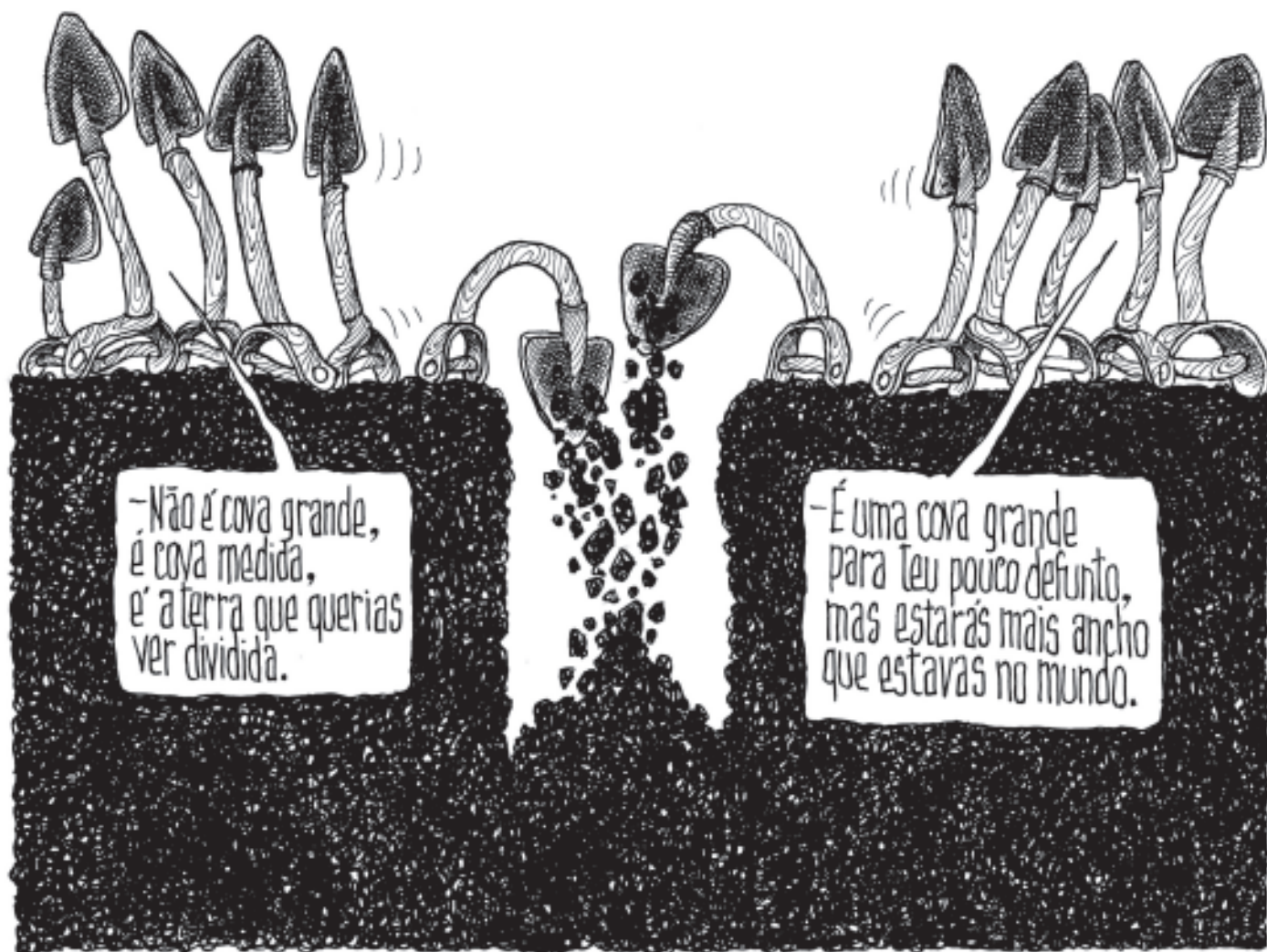


Terjando: que nesta terra tão fácil, tão doce e rica não é preciso trabalhar todas as horas do dia, os dias todos, do mês, os meses todos da vida.

Decerto a gente daqui jamais envelhece aos trinta nem sabe da morte em vida, vida em morte, severina; e aquele cemitério ali, branco na verde colina decerto pouco funciona e poucas covas anima.



# Assiste ao enterro de um trabalhador de ésto e ouve o que dizem do morto os antigos que o levaram ao cemitério





-É uma cova grande para teu defunto parco, porém mais que rio mundo te sentirás largo.



-É uma cova grande para tua carne pouca, mas a terra dada não se abre a boca.



-Viverás, e para sempre na terra que aqui aforas: e terás enfim tua roça.

-Aí ficarás para sempre, livre do sol e da chuva, criando tuas saúvas.

-Agora trabalharás só para ti, não a meias, como antes em terra alheia.

-Trabalharás uma terra da qual, além de senhor, serás homem de eito e trator.

-Trabalhando nessa terra, tu sozinho tudo empreitas: serás semente, adubo, colheita.

-Trabalharás numa terra que também te abriga e te veste embora com o brim do Nordeste.

-Será de terra tua derradeira camisa: te veste, como nunca em vida.

-Será de terra e tua melhor camisa: te veste e ninguém cobica.

-Terás de terra completo agora o teu fato: e pela primeira vez, sapato.

-Como és homem, a terra te dará chapéu: fosses mulher, xale ou véu.

-Tua roupa melhor será de terra e não de fazenda: não se rasga nem se remenda.

-Tua roupa melhor e te ficará bem cingida: como roupa feita à medida.



-Esse chão te é bem conhecido (bebeu teu suor vendido).

-Esse chão te é bem conhecido (bebeu o moço antigo).

-Esse chão te é bem conhecido (bebeu tua força de marido).

-Desse chão és bem conhecido (através de parentes e amigos).

-Desse chão és bem conhecido (vive com tua mulher, teus filhos).

-Desse chão és bem conhecido (te espera de recém-nascido).



-Não tens mais força contigo: deixa-te semear ao comprido.

-Já não levas semente viva: teu corpo é a própria maniva.

-Não levas rebolo de rana: és o rebolo, e não de caiana.

-Não levas semente na mão: és agora o próprio grão.

-Já não tens força na perna: deixa-te semear na coveta.

-Já não tens força na mão: deixa-te semear no leirão.





-Dentro da rede não vinha nada,  
só tua espiga debulhada.

-Dentro da rede vinha tudo,  
só tua espiga no sabugo.

-Dentro da rede coisa vasqueira,  
só a maçaroca banguela.

-Dentro da rede coisa pouca,  
tua vida que deu sem soca.

-Na mão direita um rosário,  
milho negro e ressecado.

-Na mão direita somente  
o rosário, seca semente.

-Na mão direita, de cinza,  
o rosário, semente maninha.

-Na mão direita o rosário,  
semente inerte e sem salto.

-Despido vieste no caixão,  
despido também se enterra o grão.

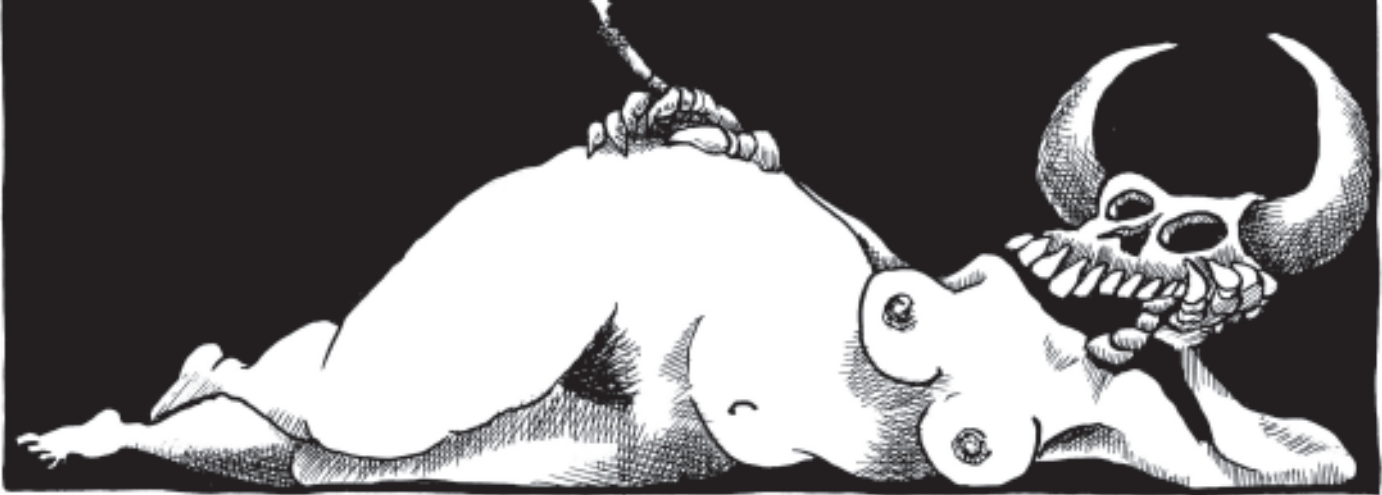
-De tanto te despiu a privação  
que escapou de teu peito a viração.

-Tanta coisa despiste em vida  
que fugiu do teu peito a brisa.

-E agora, se abre o chão e te abriga,  
lençol que não tiveste em vida.

-Se abre o chão e te fecha,  
dando-te agora cama e coberta.

-Se abre o chão e te envolve,  
como mulher com quem se dorme.



# Retirante resolve apressar os passos para chegar logo ao Recife

-Nunca esperei muita coisa,  
digo a Vossas Senhorias.  
O que me fez retirar  
não foi a grande cobra;  
o que apenas busquei  
foi defender minha vida  
da tal velhice que chega  
antes de se inteirar trinta;  
se na serra vivi vinte,  
se alcancei já tal medida,  
O que pensei, retirando,  
foi estendê-la um pouco ainda.

Mas não senti diferença  
entre o Agreste e a Caatinga,  
e entre a Caatinga e aqui a Mata  
a diferença é a mais miúda.  
Esta apenas em que a terra  
é por aqui mais macia;  
está apenas no pavio,  
ou melhor, na lamparina:  
pois é igual o que rosene  
que em toda parte ilumina,  
e quer nesta terra gorda  
quer na serra, de calçada  
a vida arde, sempre com  
a mesma chama mortífera.

Agora é que compreendo  
por que em paragens tão ricas  
o rio não corta em poços  
como ele faz na Caatinga:  
vive a fugir dos remansos  
a que a paisagem o convida,  
com medo de se deter,  
grande que seja a fadiga  
Sim, o melhor é apressar  
o fim desta ladainha,  
fim do rosário de nomes  
que a linha do rio enfia;  
é chegar logo ao Recife,  
derradeira ave-maria  
do rosário, derradeira  
invocação da ladainha,  
Recife, onde o rio some  
e esta minha viagem se fina.

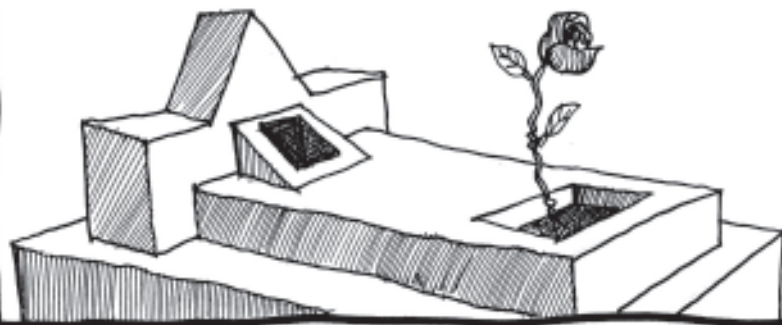


# Chegando ao Recife, o retirante senta-se para descansar ao pé de um muro alto e caiado e ouve, sem ser notado, a conversa de dois coveiros

- O dia de hoje está difícil; não sei onde vamos parar. Deviam dar um aumento, ao menos aos deste setor de cá. As avenidas do centro são melhores, mas são para os protegidos: há sempre menos trabalho e gorjetas pelo serviço; e é mais numeroso o pessoal (toma mais tempo enterrar os ricos).

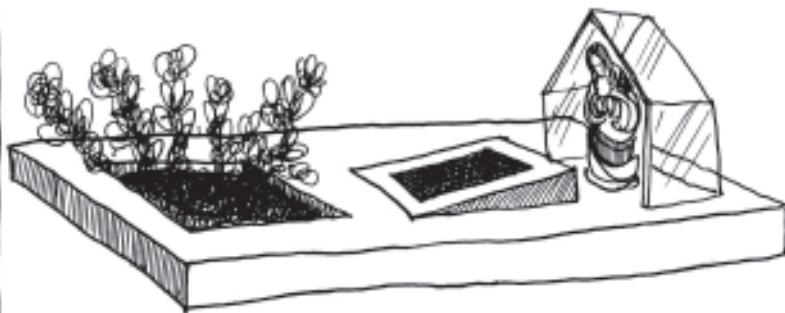
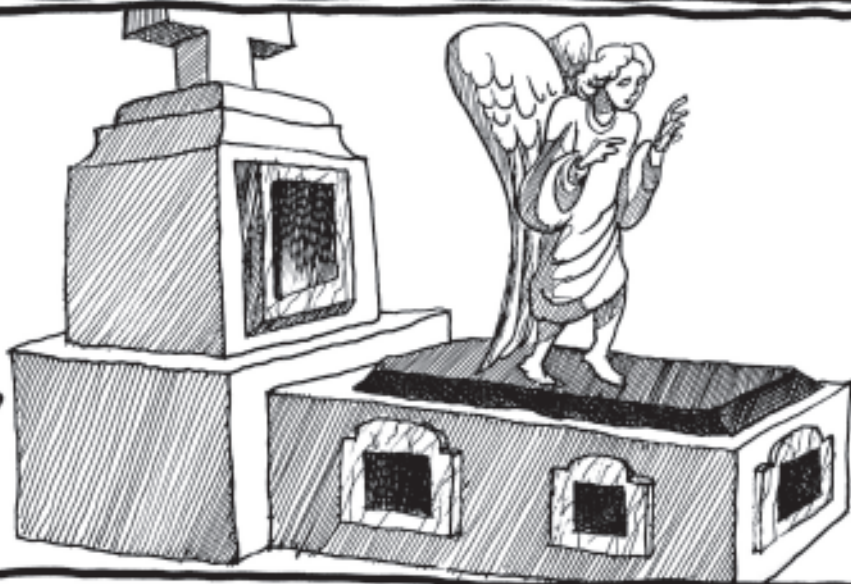
- Pois eu me daria por contente se me mandassem para cá. Se trabalhasse no de Casa Amarela não estaria a reclamar. De trabalhar no de Santo Amaro deve alegrar-se o colega porque parece que a gente que se enterra no de Casa Amarela está decidida a mudar-se toda para debaixo da terra.





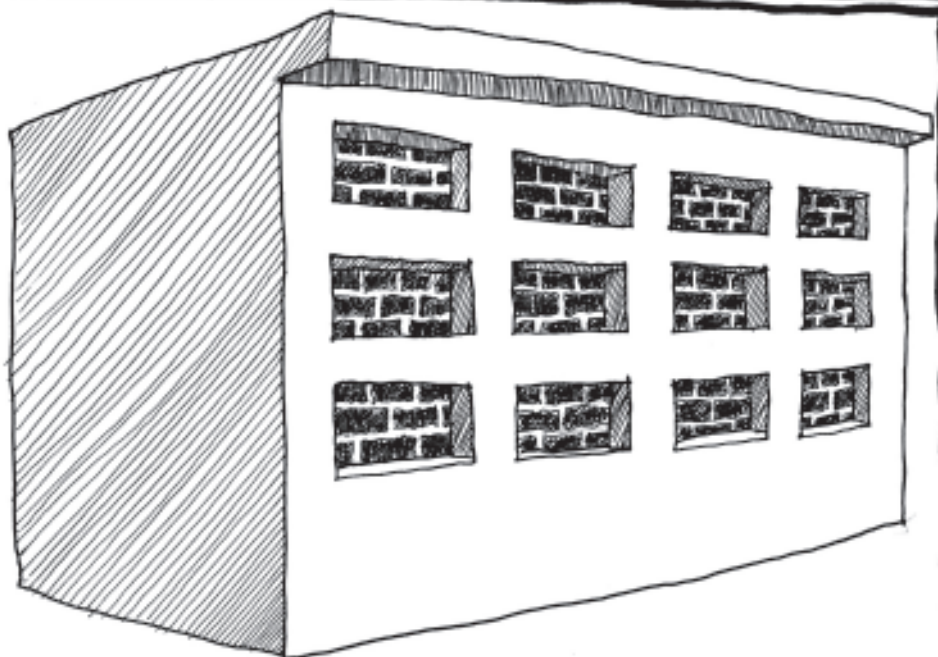
-É que o colega ainda não viu o movimento: não é o que vê. Fique-se por aí um momento e não tardarão a aparecer os defuntos que ainda hoje vão chegar (ou partir, não sei).

As avenidas do centro, onde se enterram os ricos, são como o porto do mar; não é muito ali o serviço: no máximo um transatlântico chega ali cada dia, com muita pompa, protocolo, e ainda mais cenografia.

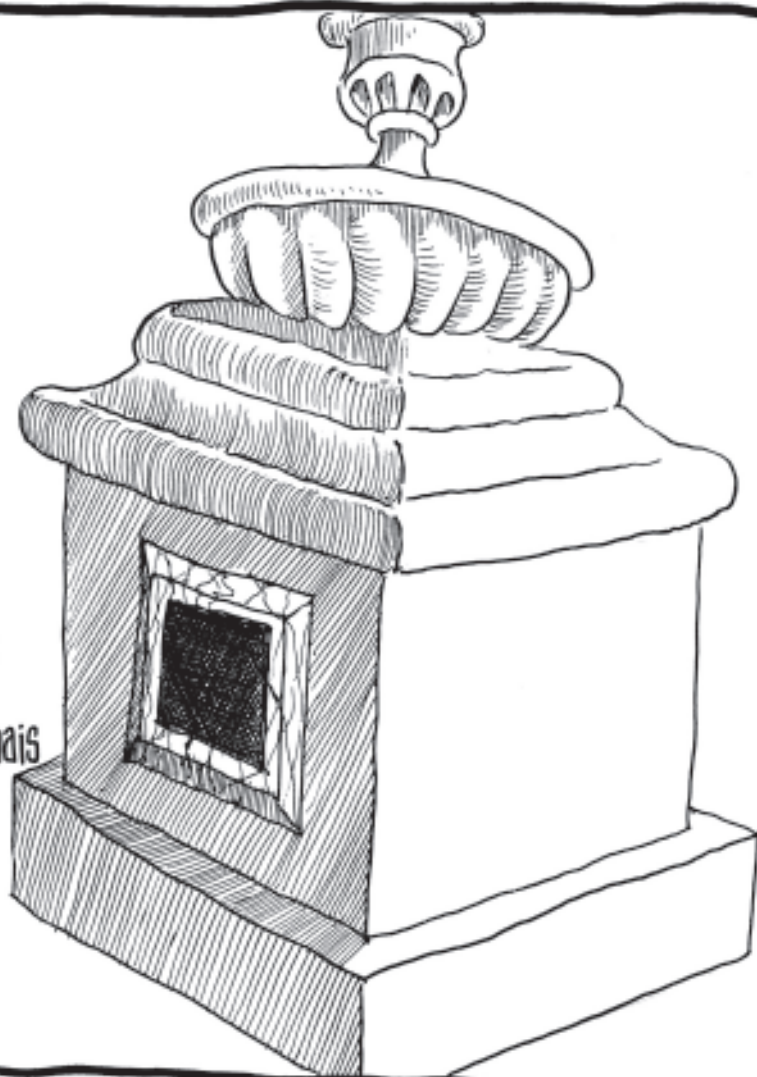


Mas este setor de cá é como a estação dos trens: diversas vezes por dia chega o comboio de alguém.

-Mas, se teu setor é comparado à estação central dos trens, o que dizer de Casa Amarela onde não para o vaivém? Pode ser uma estação mas não estação de trem: será parada de ônibus, com filas de mais de cem.

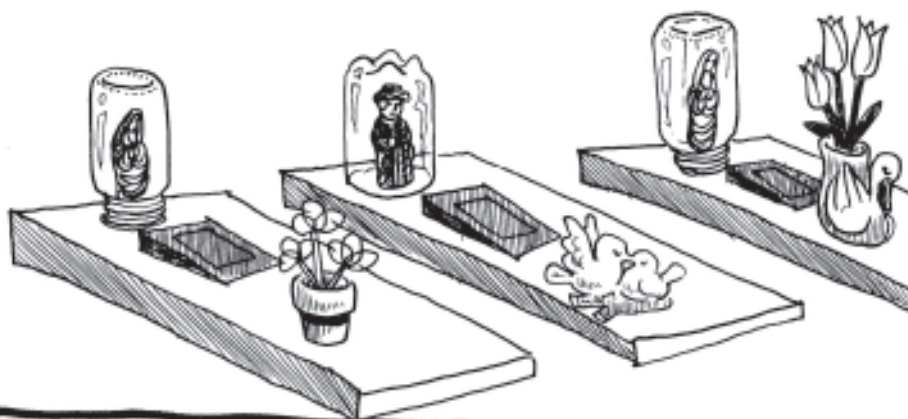


-Então por que não pedes,  
já que és de carreira, e antigo,  
que te mandem para Santo Amaro  
se achas mais leve o serviço?  
Não creio que te mandassem  
para as belas avenidas  
onde estão os endereços  
e o bairro da gente fina:  
isto é, para o bairro dos usineiros,  
dos políticos, dos banqueiros,  
e no tempo antigo, dos banqueiros  
(hoje estes se enterram em carneiros);  
bairro também dos industriais,  
dos membros das associações patronais  
e dos que foram mais horizontais  
nas profissões liberais.  
Difícil é que consigas  
aquele bairro, logo de saída.

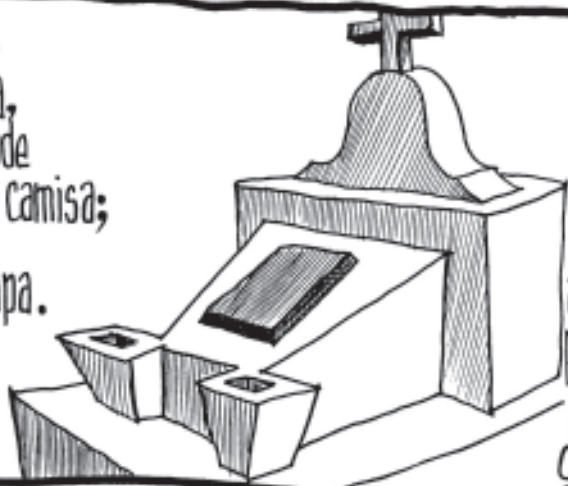


-Só pedi que me mandassem  
para as urbanizações discretas,  
com seus quarteirões apertados,  
com suas cômodas de pedra.  
-Esse é o bairro dos funcionários,  
inclusive extranumerários  
contratados e mensalistas  
(menos os tarefeiros e diaristas).  
Para lá vão os jornalistas,  
os escritores, os artistas;  
ali vão também os bancários,  
as altas patentes dos comerciários,  
os lojistas, os bolicários,  
os localizados aeroviários  
e os de profissões liberais  
que não se liberaram jamais.

-Também um bairro dessa gente  
temos no de Casa Amarela;  
cada um em seu escaninho,  
cada um em sua gaveta,  
com o nome aberto na lousa  
quase sempre em letras pretas.  
Raras as letras douradas,  
raras também as gorjetas.



-Gorjetas aqui, também,  
só dá mesmo a gente rica,  
em cujo bairro não se pode  
trabalhar em mangas de camisa;  
onde se exige quepe  
e farda engomada e limpa.



-Mas não foi pelas gorjetas, não,  
que vim pedir remoção:  
é porque tem menos trabalho  
que quero vir para Santo Amaro;  
aqui ao menos há mais gente  
para atender a freguesia,  
para botar a caixa cheia  
dentro da caixa vazia.

-E que disse o Administrador,  
se é que te deu ouvido?

-Que quando apareça a ocasião  
atenderá meu pedido.

-E do senhor Administrador  
isso foi tudo que arrancaste?

-No de Casa Amarela me deixou  
mas me mudou de arrabalde.

-E onde vais trabalhar agora,  
qual o subúrbio que te cabe?



-Passo para o dos industriários,  
que é também o dos ferroviários,  
de todos os rodoviários  
e praças de pré dos comerciários.



-Passas para o dos operários,  
deixas o dos pobres vários;  
melhor: não são tão contagiosos  
e são muito menos numerosos.

-É, deixo o subúrbio dos indigentes  
onde se enterra toda essa gente  
que o rio afoga na preamar  
e sufoca na baixa-mar.



-É a gente sem instituto,  
gente de braços devolutos;  
são os que jamais usam luto  
e se enterram sem salvo-conduto.

-É a gente dos enterros gratuitos  
e dos defuntos ininterruptos.

-É a gente retirante  
que vem do Sertão de longe.

-Desenrolam todo o barbante  
e chegam aqui na jante.

-É que então, ao chegar,  
não têm mais o que esperar.

-Não podem continuar  
pois têm pela frente o mar.

-Não têm onde trabalhar  
e muito menos onde morar.

-E da maneira em que está  
não vão ter onde se enterrar.



-Eu também, antigamente,  
fui do subúrbio dos indigentes,  
e uma coisa notei  
que jamais entenderei:  
essa gente do sertão  
que desce para o litoral, sem razão  
fica vivendo no meio da lama,  
comendo os siris que apanha;  
pois bem: quando sua morte chega,  
temos de enterrá-los em terra seca.  
-Na verdade, seria mais rápido  
e também muito mais barato  
que os sacudissem de qualquer ponte  
dentro do rio e da morte.  
-O rio daria a mortalha,  
e até um macio caixão de água;  
e também o acompanhamento  
que levaria com passo lento  
o defunto ao enterro final  
a ser feito no mar de sal.  
-Não precisava dinheiro,  
e não precisava cozeiro,  
e não precisava oração  
e não precisava inscrição.  
-Mas o que se vê não é isso:  
é sempre nosso serviço  
crescendo mais cada dia;  
morre gente que nem vivia.  
-E esse povo lá de riba  
de Pernambuco, da Paraíba,  
que vem buscar no Recife  
poder morrer de velhice,  
encontra só, aqui chegando  
semiterrios esperando.  
-Não é viagem o que fazem,  
vindo por essas caatingas, vargens;  
aí está o seu erro:  
vêm é seguindo seu próprio enterro.



MPA

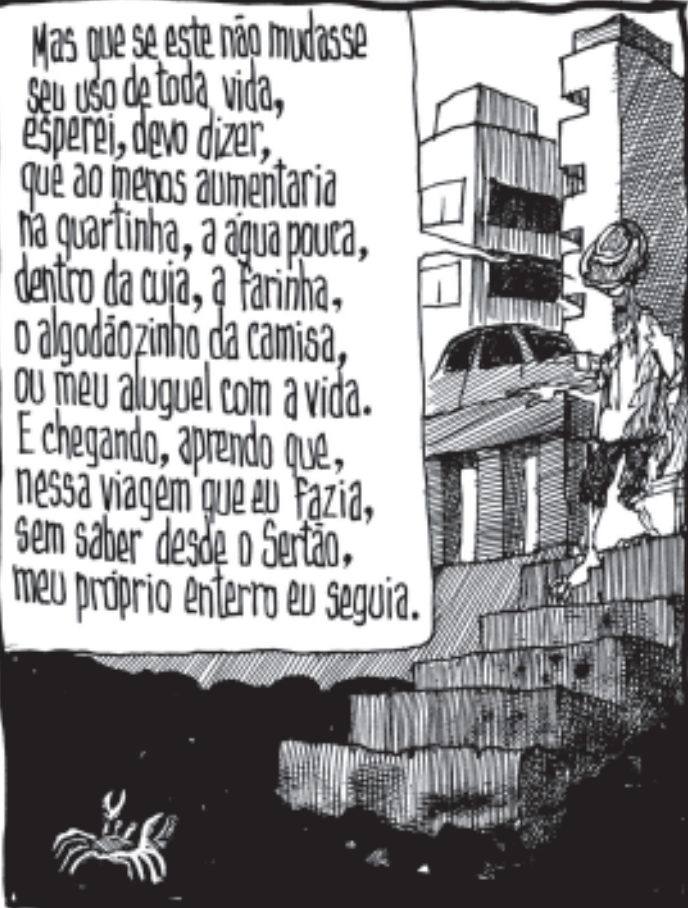


# O retirante aproxima-se de um dos cais do Capibaribe

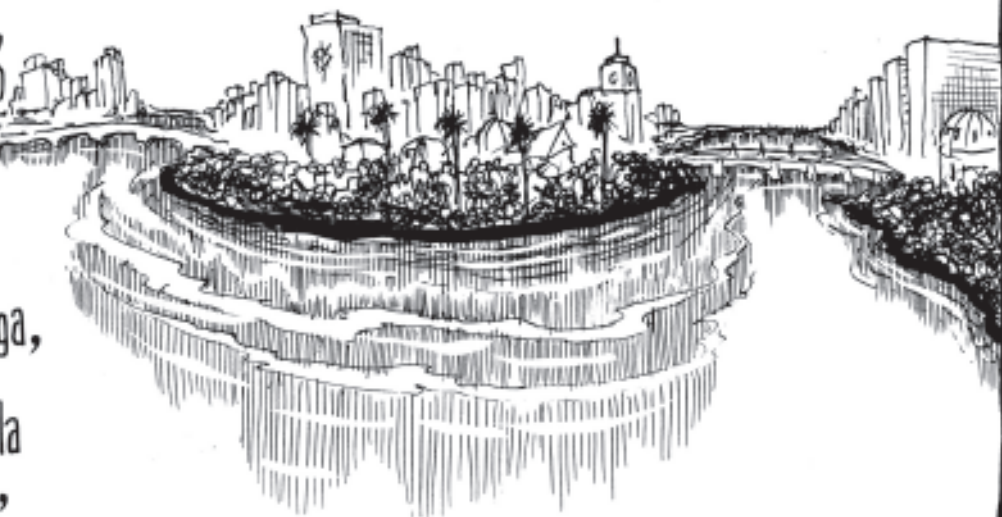
-Nunca esperei muita coisa,  
é preciso que eu repita.  
Sabia que no rosário  
de cidades e de vilas,  
e mesmo aqui no Recife  
ao acabar minha descida,  
não seria diferente  
a vida de cada dia:  
que sempre pás e enxadas  
foices de corte e capina,  
ferros de cova, estrovengas  
O meu braço esperarjam.



Mas que se este não mudasse  
seu uso de toda vida,  
esperei, devo dizer,  
que ao menos aumentaria  
na quartinha, a água pouca,  
dentro da cuia, a farinha,  
o algodãozinho da camisa,  
ou meu aluguel com a vida.  
E chegando, aprendo que,  
nessa viagem que eu fazia,  
sem saber desde o Sertão,  
meu próprio enterro eu seguia.



-Só que devo ter chegado  
adiantado de uns dias;  
o enterro espera na porta:  
o morto ainda está com vida.  
A solução é apressar  
a morte a que se decida  
e pedir a este rio,  
que vem também lá de cima,  
que me faça aquele enterro  
que o coveiro descrevia:  
caixão macio de lama,  
mortalha macia e líquida,  
coroas de baronesa  
junto com flores de aninga,  
e aquele acompanhamento  
de água que sempre desfila  
(que o rio, aqui no Recife,  
não seca, vai toda a vida).



# Aproxima-se do retirante o morador de um dos mocambos que existem entre o cais e a água do rio



-Seu José, mestre carpina, que habita este lamaçal, sabe me dizer se o rio a esta altura dá'vau? Sabe me dizer se é funda esta água grossa e carnal?

-Severino, retirante, jamais o cruzei a nado; quando a maré está cheia vejo passar muitos barcos, barcaças, alvarengas, muitas de grande calado.

-Seu José, mestre carpina, para cobrir corpo de homem não é preciso muita água: basta que chegue ao abdome, basta que tenha fundura igual à de sua fome.

-Severino, retirante, pois não sei o que lhe conte; sempre que cruze este rio costumo tomar a ponte; quanto ao vazio, do estômago, se cruza quando se come.

-Seu José, mestre carpina, e quando ponte não há? quando os vazios da fome não se tem com que cruzar? quando esses rios sem água são grandes braços de mar?

-Severino, retirante, o meu amigo é bem moço; sei que a miséria é mar largo, não é como qualquer poço: mas sei que para cruzá-la vale bem qualquer esforço.

-Seu José, mestre carpina,  
e quando é fundo o perau?  
quando a força que morreu  
nem tem onde se enterrar,  
por que ao puxão das águas  
não é melhor se entregar?

-Severino, retirante,  
o mar de nossa conversa  
precisa ser combatido,  
sempre, de qualquer maneira,  
porque senão ele alaga  
e devasta a terra inteira.

-Seu José, mestre carpina,  
é em que nos faz diferença  
que como friteira se alastre,  
ou como rio na cheia,  
se acabamos naufragados  
num braço do mar miséria?

-Severino, retirante,  
muita diferença faz  
entre lutar com as mãos  
e abandoná-las pra trás,  
porque ao menos esse mar  
não pode adiantar-se mais.



-Seu José, mestre carpina,  
e que diferença faz  
que esse oceano vazio  
cresça ou não seus cabedais,  
se nenhuma ponte mesmo  
é de vencê-lo capaz?  
Seu José, mestre carpina,  
que lhe pergunte permita:  
há muito no lamaçal  
apodrece a sua vida?  
é a vida que tem vivido  
foi sempre comprada a vista?

-Severino, retirante,  
sou de Nazaré da Mata,  
mas tanto lá como aqui  
jamaiz me fiaram nada:  
a vida de cada dia  
cada dia hei de comprá-la.

-Seu José, mestre carpina,  
é que interesse, me diga,  
há nessa vida a retalho,  
que é cada dia adquirida?  
Espera poder um dia  
comprá-la em grandes partidas?

-Severino, retirante,  
não sei bem o que lhe diga:  
não é que espere comprar  
em grosso de tais partidas,  
mas o que compro a retalho  
é, de qualquer forma, vida.



-Seu José, mestre carpina,  
que diferença faria  
se em vez de continuar  
tomasse a melhor saída:  
a de saltar, numa noite,  
fora da ponte e da vida?



Uma mulher, da porta de onde saiu o homem, anuncia-lhe o que se verá.



-Compadre José, compadre,  
que na relva estais deitado:  
conversais e não sabeis  
que vosso filho é chegado?  
Estais aí conversando  
em vossa prosa entretida:  
não sabeis que vosso filho  
saltou para dentro da vida?  
Saltou para dentro da vida  
ao dar seu primeiro grito;  
e estais aí conversando;  
pois sabeis que ele é nascido.

Aparecem e se aproximam da casa do homem vizinhos, amigos, duas cigarras, etc.



-Todo o céu e a terra  
lhe cantam louvor.  
Foi por ele que a maré  
esta noite não baixou.

-Foi por ele que a maré  
fez parar o seu motor:  
a lama ficou coberta  
e o mau cheiro não voou.

-E a alfazema do sargaco,  
ácida, desinfetante,  
veio varrer nossas ruas  
enviada do mar distante.

-E a lingua seca de esponja  
que tem o vento terral  
veio enxugar a umidade  
do encharcado lamaçal.

-Todo o céu e a terra  
lhe cantam louvor  
e cada casa se torna  
num mocambo sedutor:  
-Cada casebre se torna  
no mocambo modelar  
que tanto celebram os  
sociólogos do lugar.

-E a banda de marujos  
que toda noite se ouvia  
por causa dele, esta noite,  
creio que não irradia.

-Este rio de água cega,  
ou baça, de comer terra  
que jamais espelha o céu  
hoje enfeitou-se de estrelas.

# Começam a chegar pessoas trazendo presentes para o recém-nascido

-Minha pobreza tal é  
que não trago presente grande:  
trago para a mãe caranguejos  
pescados por esses mangues;  
mamando leite de lama  
conservará nosso sangue.

-Minha pobreza tal é  
que coisa não posso ofertar:  
somente o leite que tenho  
para meu filho amamentar;  
aqui são todos irmãos,  
de leite, de lama, de ar.

-Minha pobreza tal é  
que não tenho presente melhor:  
trago papel de jornal  
para lhe servir de cobertor;  
cobrindo-se assim de letras  
vá um dia ser doutor.

-Minha pobreza tal é  
que não tenho presente caro:  
como não posso trazer  
um olho d'água de Lagoa do Carmo,  
trago aqui água de Olinda,  
água da boca do Rosário.

-Minha pobreza tal é  
que grande coisa não trago:  
trago este canário da terra  
que canta corrido e de estalo.



-Minha pobreza tal é  
que minha oferta não é rica:  
trago daquela bolacha d'água  
que só em Paudalho se fabrica.

-Minha pobreza tal é  
que melhor presente não tem:  
dou este borieco de barro  
de Severino de Traunhaém.

-Minha pobreza tal é  
que pouco tenho o que dar:  
dou da pitu que o pintor Monteiro  
fabricava em Gravata.

-Trago abacaxi de Goiana  
e de todo o Estado rolete de cana.

-Eis ostras chegadas agora,  
apanhadas no eais da Aurora.

-Eis tamarindos da Jaqueira  
e jacas da Tamarineira.

-Mangabas do Cajueiro  
e cajus da Mangabeira


-Peixe pescado no Passarinho,  
carne de boi dos Peixinhos.  
Siris apanhados no lamaçal  
que há no avesso da rua Imperial.

-Mangas compradas nos quintais ricos  
do Espinheiro e dos Aflijtos.

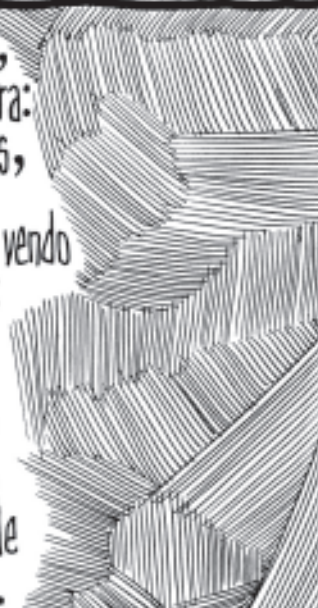
-Goiamuns dados pela gente pobre  
da Avenida Sul e da Avenida Norte.



# Falam as duas ciganas que haviam aparecido com os vizinhos



-Atenção peço, senhores,  
para esta breve leitura:  
somos ciganas do Egito,  
lemos a sorte futura.  
Vou dizer todas as coisas  
que desde já posso ver  
na vida desse menino  
acabado de nascer:  
aprenderá a engatinhar  
por aí, com arátus,  
aprenderá a caminhar  
na lama, com goiamuns,  
e a correr o ensinarão  
os anfíbios caranquejos,  
pelo que será anfíbio  
como a gente daqui mesmo.  
Cedo aprenderá a caçar:  
primeiro, com as galinhas,  
que é catando pelo chão  
tudo o que cheira a comida;  
depois, aprenderá com  
outras espécies de bichos:  
com os porcos nos monturos,  
com os cachorros no lixo.  
Vejo-o, uns anos mais tarde,  
na ilha do Marujim,  
vestido negro de lama,  
voltar a pescar siris;  
e vejo-o, ainda maior,  
pelo imenso Jamarão  
fazendo dos dedos iscas  
para pescar camarão.



-Atenção peço, senhores,  
também para minha leitura:  
também venho dos Egitos,  
vou completar a figura.  
Outras coisas que estou vendo  
é necessário que eu diga:  
não ficará a pescar  
de jerere toda a vida.  
Minha amiga se esqueceu  
de dizer todas as linhas;  
não pensem que a vida dele  
há de ser sempre daninha.  
Enxergo daqui a planura  
que é a vida do homem de ofício,  
bem mais sadia que os mangues,  
tenha embora precipícios.  
Não o vejo dentro dos mangues,  
vejo-o dentro de uma fábrica:  
Se está negro não é lama  
é graxa de sua máquina,  
coisa mais limpa que a lama  
do pescador de maré  
que vemos aqui, vestido  
de lama da cara ao pé.  
E mais: para que não pensem  
que em sua vida tudo é triste,  
vejo coisa que o trabalho  
talvez até lhe conquiste:  
que é mudar-se destes mangues  
daqui do Capibaribe  
para um mocambo melhor  
nos mangues do Beberibe.

# Falam os vizinhos, amigos, pessoas que vieram com presentes, etc.



-De sua formosura já venho dizer: é um menino magro, de muito peso não é, mas tem o peso de homem, de dor de ventre de mulher.



-De sua formosura deixai-me que diga: é uma criança pálida, é uma criança franzina, mas tem a marca de homem, marca de humana oficina. Sua formosura deixai-me que cante: é um menino guenzo como todos os desses mangues, mas a máquina de homem já bate nele, incessante.



-Sua formosura eis aqui descrita: é uma criança pequena, enclenque e setemesinha, mas as mãos que criam coisas nas suas já se adivinha.



-De sua formosura deixai-me que diga: é belo como o coqueiro que vence a areia marinha. -De sua formosura deixai-me que diga: belo como oavelós contra o Agreste de cinza. -De sua formosura deixai-me que diga: belo como a palmatória na caatinga sem saliva. -De sua formosura deixai-me que diga: é tão belo como um sim numa Sala negativa.



-É tão belo como a soça que o canavial multiplica. -Belo porque é uma porta abrindo-se em mais saídas.



-Belo como a última onda que o fim do mar sempre adia. -É tão belo como as ondas em sua adição infinita.

-Belo porque tem do novo a surpresa e a alegria.  
-Belo como a coisa nova na prateleira até então vazia.



-Como qualquer coisa nova inaugurando o seu dia.  
-Ou como o caderno novo quando a gente o principia.



-E belo porque com o novo todo o velho contagia.



-Belo porque corrompe com sangue novo a anemia.



-Infecciona a miséria com vida nova e sadia.



- Com oásis, o deserto, com ventos a calma.





# O carpina fala com o retirante que esteve de fora, sem tomar parte em nada



—Severino retirante,  
deixe agora que lhe diga:  
eu não sei bem a resposta  
da pergunta que fazia,  
se não vale mais saltar  
fora da ponte e da vida;  
nem conheço essa resposta,  
se quer mesmo que lhe diga;  
é difícil defender,  
só com palavras, a vida,  
ainda mais quando ela é  
esta que vê, Severina;  
mas se responder não pude  
a pergunta que fazia,  
ela, a vida, a respondeu  
com sua presença viva.

E não há melhor resposta  
que o espetáculo da vida:  
vê-la desfilar seu fio,  
que também se chama vida,  
ver a fábrica que ela mesma,  
teimosamente, se fabrica,  
vê-la brotar como há pouco  
em nova vida explodida;

mesmo quando é assim pequena  
a explosão, como a ocorrida;

mesmo quando é uma explosão  
como a de há pouco, franzina;

mesmo quando é a explosão  
de uma vida severina.



João Cabral de Melo Neto nasceu no Recife, em 1920, e morreu no Rio de Janeiro, em 1999. Estreou com *Pedra do sono* (1942). Em 1945 ingressou na carreira diplomática e isto o fez viver a maior parte da vida fora do Brasil. Publicou 20 livros de poesia, entre os quais se destacam *O Engenheiro* (1945), *O Cão sem plumas* (1950), *O Rio* (1954), *Duas águas* (1956), *Quaderna* (1960), *A Educação pela pedra* (1966), *Auto do frade* (1984) e *Sevilha andando* (1990). Recebeu distinções literárias internacionais como os prêmios Neustadt (Estados Unidos), Reina Sofía (Espanha), Camões (Portugal). Foi membro da Academia Brasileira de Letras.

Miguel Falcão nasceu em Timbaúba, em 24 de fevereiro de 1963. Formado em Design pela Universidade Federal de Pernambuco. Desde 1989 ocupa o cargo de chargista e ilustrador do *Jornal do Commercio* do Recife. Colabora com diversas revistas e tem prêmios nacionais e internacionais. É membro da diretoria do Sindicato dos Jornalistas de Pernambuco e membro fundador da Acape, Associação dos Cartunistas de Pernambuco.